

PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - ANO DE 2022

Linha de pesquisa: ESTUDOS LITERÁRIOS

QUESTÃO 1

Gilles Deleuze e Mikhail Bakhtin, cujas discussões são retomadas nos excertos a seguir, apresentam um posicionamento sobre a realização do literário e sua relação com o real, com o vivido. Nesse sentido, solicitamos que você apresente a sua compreensão sobre as relações da literatura com a realidade, com destaque para os aspectos éticos e estéticos dessa relação.

Decerto que escrever não é impor uma forma (de expressão) a uma matéria, a do vivido. A literatura tem que ver, em contrapartida, com o informe, com o inacabado, como disse Gombrowicz e como o fez. Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravaza toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível. Estes devires encadeiam-se uns com os outros segundo uma linha particular, como num romance de Le Clézio, ou então coexistem em todos os níveis, por intermédio de portas, entradas e zonas que compõem o universo inteiro, como na poderosa obra de Lovecraft. O devir não vai noutra sentido: não devimos Homem, mesmo que o homem se apresente como uma forma de expressão dominante que pretenda impor-se a toda a matéria; ao passo que mulher, animal ou molécula têm uma componente de fuga que se descarta à sua própria formalização. (...)

Escrever não é narrar as recordações, as viagens, os amores e o luto, os sonhos e os fantasmas. É o mesmo pecar por excesso de realidade ou de imaginação: nos dois casos é o eterno papá-mamã, estrutura edipiana que projetamos no real ou que injetamos no imaginário. Trata-se de um pai que se vai buscar no fim da viagem, no seio de um sonho, numa concepção infantil da literatura. Escreve-se para o seu pai-mãe. Marthe Robert levou até ao fim esta infantilização, esta psicanalização da literatura, não deixando outra escolha ao escritor senão entre Bastardo ou Filho reencontrado. Mesmo o devir-animal não está ao abrigo de uma redução edipiana, do género “o meu gato, o meu cão”. Como diz Lawrence, “se eu sou uma girafa e os ingleses vulgares que escrevem sobre mim são cães bem educados, aí está, os animais são diferentes, detestais instintivamente o animal que sou”. Regra geral, os fantasmas não tratam o indefinido a não ser como máscara de um pronome pessoal ou de um possessivo: “uma criança apanhou” transforma-se depressa em “o meu pai me bateu”. Mas a literatura segue a via inversa, e só se levanta quando descobre sob as pessoas aparentes a potência de um impessoal que de modo nenhum é uma generalidade, mas uma singularidade ao mais alto nível: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança. Não são as duas primeiras pessoas que servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer Eu (o “neutro” de Blanchot). Claro, as personagens literárias são perfeitamente individuadas, e não são nem vagas nem gerais; mas todos os seus traços individuais elevam-nas a uma visão que as transporta para um indefinido, como um devir demasiado poderoso para elas: Ahab e a visão de Moby Dick. O Avarento não é um tipo, mas, pelo contrário, os seus traços individuais (amar uma rapariga, etc.) fazem com que aceda a uma visão, ele vê o ouro, de tal maneira que se põe em fuga numa linha de feiticeira na qual adquire a potência do indefinido — um avarento... de ouro, cada vez mais ouro... Não há literatura sem fabulação, mas, como Bergson o soube ver, a fabulação, a função fabuladora, não consiste em imaginar nem em

projectar um eu. Contrariamente a isso, ela atinge essas visões, eleva-se até esses devires ou potências. (DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, p. 17-22).

Segundo Bakhtin, no monologismo o autor concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, das imagens e pontos de vista do romance: “coisifica” tudo, tudo é objeto mudo desse centro irradiador, o modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe o “eu” isônomo do outro, o “tu”. O outro nunca é outra consciência, é mero *objeto* da consciência de um “eu” que tudo enforma e comanda. O monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força *decisória*. Descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte. Pretende ser a *última palavra*. (...) Para Bakhtin, no universo monológico as personagens (...) são objeto do discurso do autor, que não as vê como sujeitos, como consciências capazes de falar e responder por si mesmas, mas como coisas, como matéria muda que se esgota e se imobiliza no acabamento definitivo que ele lhe dá. (BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto 5. Ed., 1ª reimpressão, 2013 [grifos no original], p. 190-191).

QUESTÃO 2

A respeito da discussão em torno do papel do leitor no universo das obras literárias, Jonathan Culler, tomando por base os estudos de Roland Barthes, aponta que críticos e teóricos contribuíram para lançar o leitor em um papel central tanto na discussão teórica da literatura e da crítica quanto na interpretação de obras literárias. Nas últimas décadas desenvolveu-se na área da crítica literária um interesse maior na importância do lugar do leitor nesse jogo de autor – obra – leitor: “O texto é uma tessitura de citações tomadas de inúmeros centros de cultura. Mas há apenas um lugar onde essa multiplicidade é focalizada, e esse lugar é o leitor, e não, como se disse até aqui, o autor. O leitor é o espaço onde todas as citações que constituem um escrito são inscritas...” (BARTHES, R., 1977, citado por CULLER, J. CULLER, J. *Sobre a Desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997).

Com base nos autores selecionados na bibliografia do edital de seleção e sua experiência de leitor ao longo de sua vida acadêmica, analise o narrador, sua configuração, relações com o leitor e com as personagens de um dos contos abaixo transcritos.

Muito importante: escolha SOMENTE um dos contos para proceder à análise proposta.

TEXTO I

ISTO É LITERATURA FEMININA OU SEJA (AUTORETORTO)

Luci Collin

VOCÊ sabe como eu me chamo já que viu na capa deste livro e eu tenho uma IRMÃ que se chama Regina e outra IRMÃ que se chama Tânia e nós temos uma MÃE que tem o APELIDO de Mila e nós tivemos uma VÓ que tinha o APELIDO de Tilde e o NOME da outra AVÓ era o mesmo que o meu que foi uma homenagem a ela.

Este texto é totalmente autobiográfico. Eu nasci e sempre vivi em Ribeirão da Pinha.

TODAS estas mulheres acima têm ou tinham MARIA no seu nome porque era COMUM e quase obrigatório num país de fala portuguesa e credo. Assim uma irmã minha é Regina MARIA e a outra é Tânia MARIA, o nome VERDADEIRO da nossa mãe é MARIA Emília e de uma AVÓ era Matilde MARIA e da outra era MARIA Augusta.

Tudo isto é verdade e em primeira pessoa. E eu estou falando de mulheres.

Eu vi anunciado o último show de uma cantora bem famosa e bem idosa e me lembrei que há vinte anos eu já havia visto anunciado o último show desta cantora bem famosa e bem idosa. Todo mundo sempre quer ir ao último show e os teatros têm estado lotados nos últimos vinte anos quando se trata desta mulher que canta. Pela última vez.

Tudo isto é a mais pura verdade. E eu não sou feminista. Nem sei bem como que é ser.

EU não estou INVENTANDO nem um pouco. Sou uma mulher que neste momento está escrevendo. Em outros momentos eu estou fazendo coisas de mulher. Eu assisti à entrevista da cantora bem famosa e bem idosa pra tentar DESCOBRIR porque ela está anunciando seu último show há vinte anos e ela disse que as coisas saem caro e ela não consegue se aposentar. Precisa do dinheiro. Daí a fazer tantos shows e a trocar tanto de roupas e a ensaiar com os músicos e as pessoas vão sempre assistir.

Entre as coisas de mulher está lavar roupas e a decisão mais difícil que a mulher deve tomar em se tratando deste assunto é se escolherá sabão líquido, sabão em pó, sabão em barra, sabão de coco ou um sabão especial para roupas finas. Não estamos tratando de tirar MANCHAS.

Só estou tratando de mulheres.

A minha PROFESSORA da segunda série se chamava MARIA Vitória e a minha professora de canto se chamava MARIA Aparecida. A professora de inglês se chamava Ana MARIA mas usava o pseudônimo de Ann.

Tudo isto AQUI é verdade. Há uma grande quantidade de MARIAS nesta narrativa. Mas também poderão dizer que é FICÇÃO. Do latim *fictionis*.

Eu SOU professora de MATEMÁTICA e uma irmã minha é professora de QUÍMICA e a minha MÃE foi professora de EDUCAÇÃO FÍSICA e a minha AVÓ foi professora de ACORDEOM e a minha BISAVÓ foi professora de LATIM. Eu sou FUNCIONÁRIA PÚBLICA e a minha IRMÃ é funcionária pública e a minha mãe foi FUNCIONÁRIA PÚBLICA. Minha outra irmã é bancária.

Muitas mulheres da minha família ficaram VIÚVAS muito jovens. Uma por conta da gripe espanhola que levou o marido e um filho de três anos. A outra por causa de cirrose no fígado do marido porque era COMUM beber muito sem ser considerado um alcoólatra. Mas morte matada não teve nenhuma. Era raro uma mulher morrer de cirrose antigamente porque não tinha fácil acesso a bares ou a happy hours e também não se vendia cerveja nos supermercados; mais nas vendinhas mesmo. E não se podia comprar nada pela internet e nem por disk. Quando eu era adolescente eu ESTUDEI canto e CANTEI algumas vezes em CORAIS e orquestras em espetáculos em cidades do interior do ESTADO e foi assim que eu conheci uma SOPRANO famosa que fez um solo e ela se chamava MARIA Ângela. NÓS fomos

ANDANDO do hotel até o teatro para o ENSAIO e ela me CONTOU várias COISAS sobre a sua carreira, mas nada sobre sua vida PESSOAL. Andamos umas dez quadras JUNTAS.

De acordo com o GÊNERO de cada coisa COSTUMAMOS usar artigos “a - uma” para indicar o FEMININO.

A BISAVÓ que eu mencionei ficou VIÚVA subitamente e se viu com SEIS filhos para CRIAR. Para não ter que dividir os BENS, a família do marido MORTO de ataque cardíaco aos 36 anos tentou obrigá-la a se CASAR com o próprio cunhado, irmão mais moço do falecido, mas ela se RECUSOU declarando que só se casaria novamente por AMOR e jamais por INTERESSE. Ela foi EXPULSA da família e teve que DIVIDIR os filhos entre os PARENTES que se interessaram em AJUDAR. Isto ACONTECEU em Minas Gerais em uma cidade chamada Alfenas.

Uma mulher durante boa parte de sua vida sangra todo mês.

São fatores genéticos que DETERMINAM que você é MULHER (XX) e a coisa toda envolve genótipos e fenótipos e cromossomas ou cromossomos e gametas. Está PROVADO que as mulheres são CAPAZES de diferenciar mais de 2.436 CORES de esmalte de unhas.

Você pode dizer O soprano ou A soprano. É uma palavra comum de dois gêneros e nada tem a ver com a sexualidade da cantora em questão.

Uma das personagens desse TEXTO tem o mesmo nome da AUTORA, mas em teoria da literatura há que se considerar a FALÁCIA intencional. Sobretudo se for uma autora MULHER. Antes de sangrar uma vez por mês uma boa parte das mulheres tem cólicas e DÓI muito e você fica rolando numa cama e amaldiçoando os teus ovários e às vezes até chora um pouco de dor e um pouco de raiva mesmo. Você pode dizer cromossoma ou cromossomo e isto não afeta o sexo das pessoas envolvidas. Minha avó nunca teve a chamada inveja do pênis porque nunca ouviu falar desta TEORIA.

A soprano teve uma CARREIRA grandiosa e se apresentou em vários LUGARES do mundo. Para sobreviver, a minha bisavó teve que dar aulas particulares de línguas. Era bamba no latim e no francês. Mas tinha que ser à noite porque a SOCIEDADE julgava feio que filhos de famílias PROEMINENTES tivessem que ter aulas particulares. Muita gente podia ficar com a moral MANCHADA, nestes casos. Ao ENTARDECER os alunos particulares da minha bisavó passavam por um portãozinho SECRETO que dava acesso à CASA dela. Assim ela conseguiu sustentar as DUAS filhas MULHERES já que o resto da família fora DOADO.

Uma pesquisa recente discute a importância do uso de sutiãs. A importância não, a necessidade. O título do artigo é Pesquisa discute a necessidade do uso de sutiã. Li na Folha de São Paulo – um jornal a serviço do Brasil.

Eu abandonei o CANTO porque as viagens eram cansativas e aquilo não dava carreira pra ninguém, segundo o que disseram na época. Era canto LÍRICO.

Além da coisa das CORES as mulheres se destacam pelo fato de não poderem ter famílias DUPLAS. Elas não podem ter duas CASAS ao mesmo tempo com maridos e FILHOS e móveis e utensílios diferentes em cada uma pois devem estar PRESENTES à hora do jantar para servir as REFEIÇÕES e fica difícil conciliar quando as FAMÍLIAS moram em cidades DIFERENTES.

A SOGRA de uma pessoa da minha família foi prostituta quando JOVEM, mas eu NUNCA escutei ninguém da família COMENTANDO isto e agora já nem sei se era verdade ou se eu INVENTEI. Era

verdade POSSIVELMENTE por isso mesmo nunca ninguém COMENTOU. E eu não teria INVENTADO uma coisa destas. Uma tia-avó foi casada com um BANDIDO não destes que rouba gado como nos filmes nem que rouba banco nem que mata policiais nem daqueles que dirige carro loucamente como nos filmes. Ele falsificou uma ASSINATURA e foi preso. Ele inventou um NOME que era na verdade FALSO. Mofou na cadeia e acho que até MORREU lá. Nunca ninguém mencionou nenhum detalhe desta história e a tia-avó sempre usava roupas PRETAS para indicar que estava de LUTO de tal forma que as pessoas que iam nascendo e crescendo, ou que se mudavam pra rua onde ela morava, SUBTENDIAM que ela era VIÚVA.

Tudo aqui é verdade. E também que a maioria das MULHERES sofrem de TPM que é o Transtorno Pré Menstrual, de onde a SIGLA. É difícil uma mulher ter uma vida como nos FILMES mas às vezes acontece. Geralmente antigamente os seios ficavam flácidos mas agora tem cirurgia.

A casa é o REINO da mulher. Ela manda e desmanda na COZINHA, por exemplo. Na LAVANDERIA é ela que controla a MÁQUINA de lavar roupas. Ela DECIDE qual será a essência que prevalecerá no banheiro: FLORAL ou LAVANDA. Ela SABE a temperatura ideal do óleo para se fritar um BIFE um quibe ou um bolinho que aproveita as SOBRAS de ontem.

Uma das vantagens da GESTAÇÃO é que a mulher fica vários meses sem o sangramento mensal. O sangramento mensal é também chamado de pingadeira, arenga, volta-da-lua, catamênio, escorrência ou incômodo.

Eu jamais INVENTARIA que a sogra de alguém fora: alcouceira, andorinha, bagaço, bagageira, bagaxa, bandarria, bandida, barca, bebena, besta, biraia, bisca, biscaia, biscate, bocetinha, bofe, boi, bruaca, bucho, cação, cadela, cantoneira, caterina, catraia, china, clori, cocote, coirão, cortesã, courão, couro, cróia, croque, cuia, culatrão, dadeira, dama, decaída, égua, ervoeira, fadista, fêmea, findinga, frega, frete, frincha, fuampa, fusa, galdéria, galdrana, galdrapinha, ganapa, horizontal, jereba, loba, loureira, lúmia, madama, madame, marafa, marafaia, marafantona, marafona, marca, mariposa, menina, meretrice, meretriz, messalina, michê, michela, miraia, moça, moça-dama, mulher-dama, mulher-solteira, mundana, murixaba, muruxaba, paloma, pécora, pega, perdida, perua, piranha, piranhuda, pistoleira, piturisca, prostituta, puta, putana, quenga, rameira, rapariga, rascoa, rascoeira, reboque, rongó, solteira, sutrão, tapada, tolerada, transviada, tronga, vadia, vaqueta, ventena, vigarista, vulgívaga, zabaneira, zoina, zorra entre outras. Fala baixo. Isto fica entre a gente.

Os aumentativos de mulher podem ser mulherão ou mulheraça. Esta história é uma ficção sobre mulheres. Aqui é tudo verdade. Mas como está sobre um papel é um tipo de mentira. Mas que não fará mal a ninguém.

De acordo com as estatísticas, hoje em dia as coisas são mais fáceis porque se uma mulher casada e com vários filhos quiser ter um amante ela pode deixar comida CONGELADA num freezer e quando for a hora de servir ela põe no micro-ondas a canja e descongela e serve. O freezer e o micro-ondas facilitaram a vida da mulher. Mas sobre mulheres terem duas famílias ao MESMO tempo ainda não li nenhum artigo.

São LOCUÇÕES sinônimas de prostituta: mulher à-toa, mulher da comédia, mulher da rótula, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona, mulher de amor, mulher de má nota, mulher de ponta de rua, mulher do fado, mulher do fandango, mulher do mundo, mulher do pala aberto, mulher errada, mulher perdida, mulher pública, mulher vadia. Dicionário, sim.

O ser humano do sexo feminino só passa a ser chamado de mulher quando ovula e pode CONCEBER. Antes disto usam-se as palavras menina ou garota. Às vezes uma mulher é chamada de sujeito ou indivíduo do SEXO feminino. A palavra cônjuge não é comum de dois gêneros.

A minha avó que era católica PRATICANTE morreu bem bem velhinha e comeu uma bacalhoadada um dia antes de morrer e estava feliz. A outra avó que era católica só de fachada e até falou mal de um padre uma vez morreu muito cedo de consunção. Até hoje eu não sei o que é isto. A avó velhinha teve maleita e a febre da maleita pode ser chamada de febre malárica, febre terçã ou quartã, febre palustre, mas ela não morreu disto. Deixei a preguiça de lado e procurei no dicionário outros nomes pra consunção: delicada, doença-ruim, febre héctica, fímia, fininha, magrinha, mal-de-secar, mal-dos-peitos, moléstia-magra, queixa do peito, seca, tíbia, tísica. Sobre estas palavras a gente pode PENSAR livremente mas é melhor não falar.

Escrevi este texto que parece sem SENTIDO porque eu não tenho TÉCNICA de escritora. Agora eu vou fazer outras coisas. Tudo isto é verdade. Só uma vez eu menti um pouco: foi naquele trechinho onde eu falo dos nomes.

COLLIN, Luci. *A árvore todas*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

TEXTO II

À margem dum soneto

Florbela Espanca

A poetisa, vestida de veludo branco e negro como uma andorinha, estendeu a mão delgada, onde as unhas punham um reflexo de joias, ao visitante que surgia à porta da salinha iluminada.

As grandes flores dos cretones claros davam ao pequeno aposento um ar alegre de festa íntima. O irradiador aceso espalhava por todo ele uma temperatura deliciosa. Nas paredes, pratos da China preciosos, uma praça de aldeia cheia de sol, de Alberto Sousa. Aqui e ali, espalhados por colunas e mesinhas, os sorrisos amigos de meia dúzia de fotografias. Três jarras enormes, ajoujadas de camélias brancas, puríssimas, lembrando, na sua gelada perfeição, exangues flores de cera.

Lá fora, a tarde de Novembro desdobrava-se em véus lutuosos, encostava-se às vidraças como cortinados de burel pardo, opacos e pesados. O mugido das sirenes rasgava as sombras do crepúsculo em gemidos lamentosos, carregados de desolação e tristeza.

– Sabe? Fechei hoje o meu livro de versos...

E num sorriso radioso:

– Com um belo soneto!

O sorriso dele tornou-se mais caricioso, deu-lhe maior luminosidade aos olhos sérios, distendeu-lhe as linhas duras da boca de lábios finamente desenhados.

Sentou-se na cadeira que ela lhe indicava, circunvagou pela salinha, acolhedora e íntima, um olhar satisfeito e murmurou:

– Diga.

A poetisa concentrou-se, fixou os olhos num ponto do espaço, num olhar já vago como afogado em sonho, e docemente, numa doce voz macia e triste, começou, enquanto desfiava, num gesto inconsciente, as grandes contas do seu colar cor-de-rosa:

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!

Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!

Pesadelos de insónia ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a anoitecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!...

Um longo silêncio... As sirenes mugiam lá fora, cada vez mais lamentosas e mais tristes. Uma camélia desabou de repente numa chuva de pétalas sobre o tapete.

– Então? – pronunciou a poetisa, baixinho.

E a voz dele, comovidamente, murmurou:

– Como você é dolorosa! Dir-lhe-ia bem o nome de irmãzinha das Dores. Nos seus olhos¹ parece caber toda a tristeza deste mundo, a sua boca é já um belo verso doloroso e a sua voz é a própria dor em música...

E repetiu o último terceto:

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!

– *La beauté est douloureuse...* já o disse Anatole.

Fez-se de novo um grande silêncio, que a voz dele quebrou subitamente:

– Esse soneto com que você vai fechar as portas doiradas do seu belo livro, soneto que a explica e que ao mesmo tempo a envolve, faz-me lembrar um caso que muito me interessou nesta minha última peregrinação pelos hospitais de Paris. Se não receasse entristecê-la, contava-lho.

– Conte – respondeu ela simplesmente, estendendo-lhe a mão que ele beijou.

– Recorda-se da romancista brasileira que um dia me apresentou naquela festa em casa de seus pais? E do major L., que por ela se apaixonou nessa ocasião? Sabe que se casaram em Paris,² há uns dois anos? Pois bem, é deles que se trata, ou, por outra, dele. Fui encontrá-lo num hospital de alienados em Paris, este verão.

E perante o olhar interrogador dela:

– Não sabia? – e noutro tom: – Dá-me licença?

Puxou da cigarreira, escolheu um cigarro que acendeu e principiou:

– Como deve recordar-se, aquela paixão deixou completamente assombradas todas as pessoas das relações de ambos. Ela era feia, nada elegante, não sabia vestir-se, e ele, pelo contrário, era um rapaz adorável e um dândi. A explicação, quanto a mim, é tudo quanto há de mais simples: aquela feia era inteligente, tinha o talento, o espírito e a graça e sobretudo o encanto de uma imaginação extraordinária, palpitante de vida, apaixonada e colorida, sempre variada, duma pujança assombrosa como as profundas florestas da sua pátria brasileira. Pois foi precisamente essa imaginação que o apaixonou, que acabou por o endoidecer...

– Não vejo em nada disso o meu soneto...

¹ Por lapso, na versão de *Portugal Feminino*, após “olhos” constava uma vírgula que retiramos.

² Repusemos uma vírgula.

Ele interrompeu-a, numa fingida impaciência:

– Não seja mulher, você que o é tão pouco. Espere...

A poetisa sorriu e esperou que ele continuasse, voltando a desfiar, num gesto maquinal, as grandes contas do seu colar cor-de-rosa.

– Um dia, pouco depois de se casarem, ele começou a ter umas ideias bizarras. Começou a vê-la desdobrar-se, a descobrir-lhe, através de todos os seus romances, as almas diversas que eram dela e que ela ocultava dentro de si. Curioso, não é? Naquele romance *Alma Branca*, viu-a imaculada, ingénuo, fria e longínqua. Viu-a, com as mãozitas estendidas, manter o amor a distância, com um olhar de pavor. Viu-a passar no mundo, inacessível e sagrada, entre filas respeitosas de homens que nem ousavam cobiçar a sua imaterial beleza. Viu-a morrer, virginal e sorridente, numa cama do tamanho de um berço, onde o peso do seu corpo cavara um ninho de andorinha. Viu-a depois, naquele outro romance *Flor de Luxo*, ardente e sensual, rubra flor de paixão, endoidecendo homens, perdendo honras, destruindo lares, cortesã gananciosa, cheia de vícios, toda manchada de impurezas. Viu-a no seu outro romance *As Mãos sem nada* cética e desiludida, irónica, desprezando tudo, desdenhando tudo, passando indiferente em todos os caminhos, fazendo murchar todas as coisas belas, plenas de entusiasmo e exaltação, com o seu hálito gelado, mal as suas mãos lhes tocavam. Viu-a assassinar a irmã em *Cláudia*. Viu-a mentir, mentir dia e noite só pelo prazer de mentir, em *Vida Inútil*. Viu-a beijar doidamente o amante doido na *Paixão de Maria Teresa*.

«Que mulher era então ela? Que mulher era aquela mulher? Que mulher era a sua mulher? Quantas mulheres tinha ele?... E então, quando a possuía, via-a outra, a de alma branca, estender as mãozitas trementes para o afastar, com um olhar de pavor; quando lhe dava um beijo de ternura, um doce beijo de amigo, via-lhe na boca o sorriso da *Flor de Luxo*, via-lhe os lábios pintados entreabrirem-se, rubros, no seu sorriso de cortesã; quando a ouvia discutir uma obra de arte, uma bela ação, um rasgo sublime de generosidade, no calor de qualquer emoção espiritual, logo³ pensava: “Mas se ela não crê em nada?!” E assim, via-a mentir a todas as horas; toda ela era uma mentira viva; a sua carne feita doutras carnes, a sua alma onde se debatiam mil almas, aparecia-lhe simbolizada numa hidra de mil cabeças, de mil corpos, de mil almas!

E, a pouco e pouco, começou a fugir dela, a ter-lhe medo. Espreitava-lhe o menor gesto, todas as expressões, as mais leves, da fisionomia. Via-a sempre mascarada e já lhe conhecia as máscaras uma a uma.

Aquele sorriso era da Cláudia, quando cravava as unhas no pescoço da irmã, quando a via morrer sob a pressão dos seus dedos. Aquele olhar vago era o olhar, entre irónico e desdenhoso, da que não crê em nada, da desencantada da vida. Aquele rápido bater de pálpebras servia a Cláudia para velar o fulgor do olhar quando o amante sorria à irmã, na penumbra do jardim das murtas. Aquele gesto era um doce gesto de Angélica, quando erguia as urnas pesadas das túlipas nos solitários de cristal. Era assim que Salomé levantava as ondas revoltas dos cabelos, pesadas como um elmo de ouro maciço, naquele mesmo gesto de voluptuoso cansaço. Maria Teresa mordía as pétalas das flores assim mesmo quando o amante pousava nela, brutal como uma carícia de fauno, o olhar que despia...

E vinham-lhe à lembrança cenas inteiras dos romances dela, que ele revivia, que misturava à sua vida, sem conseguir destrinçar, por fim, a verdade da ficção. A mulher passou com ele dois anos desgraçados, dois anos miseráveis, pavorosos!

Quando a estreitava nos braços, debruçava-se-lhe no olhar como quem se debruça no parapeito dum abismo onde marulha o mar, para ver... mas só lhe distinguia a espuma branca dos sonhos; a água negra marulhava lá mais para o fundo... E então, desiludido, apavorado, chorava em altos gritos a miséria de não saber quem era a mulher que possuía, quem era a mulher que era dele!

Chamava-lhe Angélica e queria-a sempre vestida de branco, com uma gola afogada, de tule branco, como a outra; Maria Teresa, queria-a de veludo negro com o cabelo liso em franja sobre a testa; chamava-lhe Cláudia e cobria-a de joias, obrigava-a a andar com os dedos carregados de anéis, grandes⁴ colares de

³ Por lapso, na versão de *Portugal Feminino*, após “logo” constava uma vírgula que retiramos.

⁴ Por lapso, na versão de *Portugal Feminino*, após “grandes” constava uma vírgula que retiramos.

contas ao pescoço, os braços apertados em rígidos braceletes de escrava; Salomé,⁵ e punha-a meia nua, impudica, de revoltos cabelos frisados, de negros olhos alongados em dois traços até às fontes.

Se a ouvia rir, seguia-lhe a música do riso, num ar de profunda concentração. Quem se teria rido?... De quem seria aquela gargalhada?... Angélica não se ria nunca, morreu novinha com os seus lábios virgens de um riso... Salomé ria mais alto, as suas gargalhadas rasgavam o silêncio como punhais... Cláudia só sabia sorrir... De quem seria aquele riso?

Se a ouvia falar, espiava-lhe o movimento dos lábios, com a atenção de quem decifra um enigma de que depende uma vida. Que mentira dissera ela, a mulher mentirosa?... Que frase de gélida nostalgia murmurara ela, a mulher desiludida?... Que mistério de volúpia segredara ela, a mulher cortesã?... E ele, como se chamava ele? Quem era ele? O amante de Maria Teresa que a vestia toda de cor-de-rosa, quando a vestia de beijos?... Ou aquele conde luxurioso e brutal que possuía Salomé num tapete de peles fulvas, como um leão a leoa?... Ou aquele estudante apaixonado e romântico que lia Musset e se levantava de noite para tocar ao piano noturnos de Chopin?...

Nos seus momentos lúcidos, cada vez mais raros, chorava doidamente com a cabeça no regaço da mulher. Ela amava-o, tinha pena dele, consolava-o, tranquilizava-o como se sossega uma criança doente. Por fim,⁶ ficou completamente louco, tiveram de o encerrar numa cela de doidos. E foi lá, minha doce poetisa e amiga, que eu o fui encontrar numa radiosa manhã do verão passado.»

A poetisa não quebrara ainda o encanto do seu gesto. As contas do grande colar cor-de-rosa continuavam a passar-lhe pelos dedos brancos e delgados. O seu olhar, enevado de lágrimas, vagueou um momento pela sala, prendeu-se ao brilho fulgurante da campânula do irradiador, e ali ficou como que hipnotizado.

– Tenho aqui uma carta – prosseguiu ele –, umas frases sem nexos que ele escreveu e que me confiou, para eu entregar à mulher, no dia em que o fui visitar. Quer que leia?

Ela disse que sim com a cabeça.

– «Maria: expulsa as outras todas e fica só tu. Não queiras tantas bocas no teu rosto, que eu tenho medo de ti. Monstro com tantos nomes, dantes chamavas-te só Maria. E eu? Como é que eu me chamo, minha mulher...? »

A poetisa interrompeu-o de súbito, pondo-lhe docemente a mão na boca: – Cale-se...

Os olhos, afogados numa bruma de lágrimas, procuraram o olhar sério que, ao encontrá-los, se dulcificou num olhar de intensa ternura.

As camélias brancas iam deixando cair as pétalas imaculadas sobre o tapete onde julgaria ter nevado. As grandes flores dos cretones claros pareciam querer imitá-las, mais lânguidas agora, mais abertas, como que por milagre embriagadas de aromas pesados. Despediam um brilho mais suave as cores amortecidas das porcelanas, nas paredes. Os sorrisos das fotografias eram mais ausentes, mais vagos nos cantinhos onde a luz do candeeiro não batia.

Lá fora, a noite de Novembro rasgava os seus véus de luto para que o frio luar de inverno enchesse de prata os caminhos obscuros. Tinham-se calado, no porto, os mugidos lamentosos das sirenes. Na sala só se ouvia o ligeiro ruído que as contas cor-de-rosa faziam ao bater umas nas outras, sob os dedos da poetisa, como na areia da praia as conchas que o mar arrasta... Então, no silêncio, pesado duma misteriosa e dulcíssima emoção que os envolvia, ergueu-se lentamente a voz dele, recitando o último terceto:

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!...

– E... não tem receio... de endoidecer? – murmurou a poetisa, como que a medo, ao esvair-se na penumbra a última sílaba do verso.

A estas palavras, pronunciadas numa vozinha triste e cheia de desalento, ardeu-lhe nos olhos sérios

⁵ Repusemos uma vírgula.

⁶ Repusemos uma vírgula.

uma chama de alegria, o sorriso aberto que lhe rasgou os cantos da boca de linhas duras, fez-lhe brilhar na sombra o esmalte são dos dentes. Debruçou-se para ela, como se lhe estivesse gravando na alma as palavras que murmurava:

– As almas das poetisas são todas feitas de luz, como as dos astros: não ofuscam, iluminam...

As camélias iam-se desfolhando todas, a pouco e pouco. Ela sorriu, abanando tristemente a cabeça:
– Poeta!...

E ficaram ambos a escutar o ruído das pétalas sobre o tapete, que caíam como gotas de água no silêncio.

ESPANCA, Florbela. *Diário; O Dominó Preto*. Organização, fixação crítica dos textos e notas de Fabio Mario da Silva. Lisboa: Edições Esgotadas, 2019.